

Design Nacional

Por Maria Clara de Maio

Quanto já progredimos?

A trajetória de **Fabio Falanghe** e **Giorgio Giorgi** no campo da iluminação remonta a meados de 1988, com o projeto da luminária **sss...** Inscritos no “Prêmio Design” do

Museu da Casa Brasileira ao final do mesmo ano, protótipos da **sss...** são premiados em sua categoria. No ano seguinte, a luminária desperta a atenção da diretoria da Lumini e, a partir de 1990, passa a ser produzida em série e recebe o 1º prêmio na categoria iluminação na “I Bienal Brasileira de Design”. Em 1991, esta mesma luminária é redesenhada para a empresa italiana Sidecar, divisão da Artemide, e, com o nome de Floppy, distribuída para mais de vinte países em três continentes. Fabio é *designer* pós-graduado pelo Instituto Europeo di Design de Milão. Giorgio é *designer* doutorado pela FAU-USP, onde é professor do Departamento de Projeto. Os dois são titulares da E27 Luminárias que, há dez anos, atua no campo da iluminação doméstica e corporativa. Publicados e exibidos no país e no exterior, produtos E27 receberam premiações da Abilux (2003), Museu da Casa Brasileira

(1995, 1996, 1997 e 2002) e International Forum Design (Hannover, 2004). Para falar com propriedade sobre *design* de luminárias, esta dupla certamente não precisa de mais referências. Veja a seguir a entrevista gentilmente concedida à Lume Arquitetura.

Lume Arquitetura: A qualidade do *design* das luminárias brasileiras melhorou sensivelmente nos últimos dez anos. A que vocês atribuem este avanço?

Fabio: Acredito que a difusão global do *design* ocorrida nos anos 80 e a abertura do mercado nacional nos anos 90 fizeram com que a indústria brasileira fosse obrigada a buscar alternativas para a simples apropriação do *design* estrangeiro. Com a entrada no mercado de luminárias produzidas em um outro patamar tecnológico, sejam elas italianas ou chinesas, a indústria entrou em parafuso.

Algumas poucas investem em *design* e tecnologia. Nestas, vemos avanço. Já as outras, agora copiam *design* nacional mesmo, que tem contado com o apoio da mídia

Fotos: Puppini Fotógrafos



Fabio Falanghe.

Giorgio Giorgi.





Sistema Pixel
Design Falanghe/Giorgi
Prêmio Abilux 2003

e, em geral, é produzido com a mesma precariedade tecnológica vigente.

Giorgio: O mercado se ressentir deste corpo a corpo. Mesmo para a cópia, é preciso ter um mínimo de discernimento.

Quando se começa um processo de canibalização feroz, é possível até salvar o fluxo de caixa de uma empresa isolada no curto prazo, mas para um setor produtivo, o prejuízo a médio e longo prazo é enorme e prolongado. Além disso, ainda não existe entre nós, tanto nas empresas, quanto no público, o que poderíamos chamar de *cultura* do projeto ou do *design*, o que torna esse discernimento ainda pouco provável. Para complicar, *design* exige investimento, custa dinheiro. Além disso, no suporte digital não se distingue original de cópia, daí todo um questionamento contemporâneo sobre o conceito de direito autoral.

De qualquer forma, vivemos um tempo de polarização: de um lado, o culto desproporcional a um determinado *designer* ou marca, com o conseqüente rebaixamento no preço do produto, e de outro, a cópia correndo descarada, incontrolável e, porque não dizer, democraticamente acessível. Lados complementares da mesma encrenca...

Lume Arquitetura: Há uma característica marcante no *design* de luminárias

brasileiras ou as criações ainda se baseiam nas tendências européias?

Giorgio: Décio Pignatari – um dos meus gurus – diverte-se em detonar o mito da criatividade brasileira. Ele costuma dizer que nos consideramos o país do futebol e não fomos capazes de projetar – e muito menos produzir – uma simples bola ou chuteira digna de nota!... Deixando de lado algum exagero, o fato é que nos damos razoavelmente bem na raia do improviso, do arranjar-se com o que se tem à mão, de tirar leite de pedra... Uma criança que consegue fazer embaixada com uma bola-de-meia, toda excêntrica, seguramente vai “arrasar” quando tiver nos pés uma bola toda redondinha de plástico ou couro. São habilidades que funcionam bem no âmbito do artesanato. As coisas se complicam quando entramos na área do planejamento e do projeto voltados à produção industrial. Por inapetência, tédio ou simples incapacidade, nos complicamos com a meticulosidade exigida pela atividade projetu-

al, particularmente num mundo eletroeletrônico. Não há, entre nós, respeito pela atividade projetual ou por qualquer atividade intelectual.

Existe, ainda, a questão da urgência, fruto da absoluta falta de planejamento. Quando Alberto Meda, na FAAP, disse que o projeto de sua cadeira para a Vitra tinha sido razoavelmente rápido – só dois anos e meio –, o auditório quase veio abaixo! Aqui, o sujeito tem a cara dura de te pedir o protótipo de uma nova luminária para daqui a três dias! Mal dá pra mandar o orçamento... Uma causa é a perda, lá atrás, do bonde da Revolução Industrial, e o quadro deverá se modificar à medida que a *mentalidade* industrial for se impondo.

O fato é que, por enquanto, deixando de lado casos isolados como a Embraer, fica difícil falar em *design* brasileiro, seja na iluminação ou em qualquer outro campo. Será que isso é mesmo um problema? Quem disse que um país incrivelmente multifacetado – para o bem e para o mal –, como o nosso, tem que dar uma única resposta à questão do projeto?

Fabio: Nesse sentido, temos conhecimento de que alguns não reconhecem nosso trabalho como essencialmente brasileiro, mas esta é uma avaliação superficial. Se observarem o número de soluções encontradas para driblar a falta de investimento em ferramental, vão perceber que eles podem ser extremamente brasileiros. Nosso trabalho está propositalmente alinhado a uma sensibilidade internacional, mas algumas soluções são bem caseiras.

“A difusão global do design ocorrida nos anos 80 e a abertura do mercado nacional nos anos 90 fizeram com que a indústria brasileira fosse obrigada a buscar alternativas para a simples apropriação do design estrangeiro.”

“Em nossa atividade projetual existe uma forte dose de garimpagem e isto acaba sendo também uma das características do nosso trabalho: usar um clipe canoa do universo automotivo para fechar uma cúpula, uma canaleta de papelaria para dar acabamento a um produto”...

Lume Arquitetura: O custo de produção para chegar ao design de qualidade é proibitivo no que diz respeito ao ferramental? É isso que de certa forma convida à produção de cópias?

Fábio : Não necessariamente. Para se ter bom desenho, além de conhecimento ou suporte técnico, basta um projetista com noções básicas de proporção e composição de materiais. É importante que este sujeito tenha capacidade de se expressar através das possibilidades produtivas da empresa.

Tive uma experiência interessante na Nemo – empresa Italiana fabricante de luminárias – ao longo de um ano. A atividade projetual do ponto de vista do investimento em ferramental é bem diferente por lá. Trabalhei na primeira coleção de luminárias e, no início, a Nemo era basicamente uma ferramentaria. Praticamente tudo o que se pensava era possível produzir. Até mesmo para dificultar a cópia, existe um grande investimento em ferramental.

A realidade da E27 é bem outra. Em nossa atividade projetual existe uma forte dose de garimpagem e isto acaba sendo também uma das características do nosso trabalho: usar um clipe canoa do universo automotivo para fechar uma cúpula, uma canaleta de papelaria para dar acabamento a um produto... No entanto, estes achados são rapidamente incorporados por outros fabricantes e projetistas. Não existe proteção para isto.

Lume Arquitetura: O acabamento ainda é uma desvantagem do produto brasileiro em relação ao importado?

Giorgio: Temos razoáveis fornecedores no Brasil. Seguramente, ainda não temos disponível a diversidade de componentes e de materiais que encontramos em países mais industrializados. É um impedimento, mas também um desafio.

Fábio: Temos um exemplo curioso sobre o tratamento dos filmes sintéticos, os filmes plásticos. Acabamos tendo que desenvolver uma frente serigráfica dentro da empresa. Por mais que tenhamos procurado fornecedores para a impressão serigráfica dos difusores, nunca obtivemos um resultado satisfatório. Imprimir camisetas e adesivos é bem diferente de imprimir

difusores, que, quando acesos, revelam qualquer imperfeição mínima.

Lume Arquitetura: E o design e a qualidade das luminárias de grande escala? Qual a opinião de vocês?

Fábio: Qualidade em grande escala, temos bons exemplos. Com design, poucos – dois ou três. Podemos citar o caso da linha Giro, da Lumini, com projeto do Fernando Prado, onde foi feito um grande investimento em projeto e ferramental. Outro caso é o do ventilador Spirit, com projeto do Guto Indio da Costa, que vem causando uma revolução neste setor de mercado. Ambos os casos premiados internacionalmente. Podemos citar também o sistema Radiant, da La Lampe, com design do Ricardo Sobreira. Conheço poucas empresas nacionais que apostaram em novas idéias como a La Lampe.

Lume Arquitetura: Qual é o ponto de equilíbrio entre estética e eficiência? Criar produtos bonitos depende de criatividade e alguma habilidade com determinados tipos de materiais. Mas como fica a eficiência? Este deve ser um critério prioritário?

Luminária Viva
Design André Wagner
Museu da Casa Brasileira
1997
iF Design Award 2004,
Hannover, Alemanha

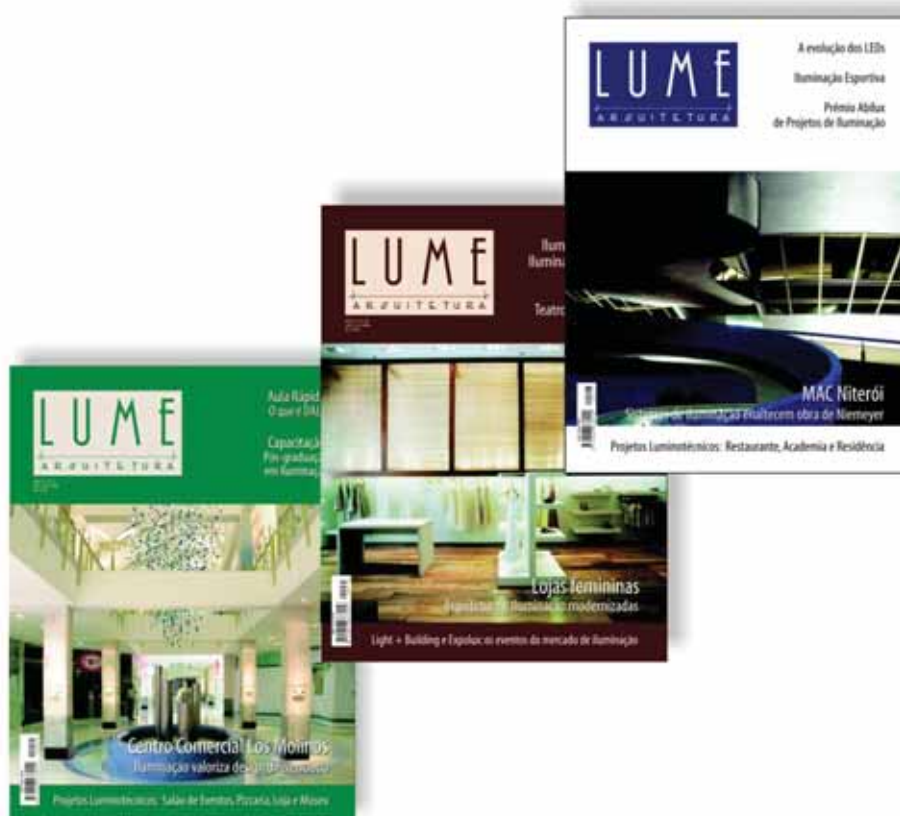


Foto: Puppini fotografos

Anuncie

Lume Arquitetura. Os melhores clientes são os que têm acesso à melhor informação.

Um profissional bem informado reconhece o que é tradição, sem ter medo do novo. Conhecimento é poder. Por isso, Lume Arquitetura é lida pelos melhores profissionais do mercado. São arquitetos, lighting designers, engenheiros, pessoas interessadas em conhecer o produto ou serviço que você tem a oferecer. Anuncie em Lume Arquitetura e ganhe visibilidade na melhor revista do segmento de iluminação.



Publicidade Lume Arquitetura

(11) 3801 3497

publicidade@lumearquitectura.com.br

ou no nosso site: www.lumearquitectura.com.br

L U M E
ARQUITETURA

A melhor informação sobre iluminação

Fabio: Sim, este critério deve ser prioritário. Já temos inúmeros problemas na vida e os produtos não devem contribuir para aumentá-los, já me dizia Carlo Forcolini, diretor de arte da Nemo.

No entanto, o desempenho de um produto está diretamente ligado ao seu caráter funcional. O critério eficiência é de outra natureza em uma luminária simplesmente decorativa. Já no universo dos escritórios, a partir do advento do “apagão”, empresas multinacionais começam a questionar a eficiência do conceito de iluminação vigente em nosso país.

A norma da ABNT determina 500 lux no plano de trabalho e, para tanto, encontramos algumas fórmulas nos catálogos e cursos de fabricantes de lâmpadas e luminárias que nos sugerem o número de luminárias por ambientes, em função das dimensões do espaço, por tipo de lâmpadas e luminárias, de tal forma que a 74cm do piso teremos sempre a quantidade de luz necessária. Praticamente enchemos de luz o espaço de trabalho e, aparentemente, está tudo resolvido; menos a conta de luz. É aí que entra o conceito de iluminação pontual que pode ser resumido em: luz, onde e quando é

“Criar produtos bonitos depende de criatividade e alguma habilidade com determinados tipos de materiais, mas a eficiência deve ser um critério prioritário. Já temos inúmeros problemas na vida e os produtos não devem contribuir para aumentá-los”

necessária? Uma luminária a 45cm do plano de trabalho consome aproximadamente 5 vezes menos energia para os mesmos 500 lux que uma luminária no forro. No mais, podemos listar inúmeras outras vantagens, como, por exemplo, o acionamento feito pelo próprio usuário, de tal forma que nas horas extras não temos a necessidade de manter todo um andar iluminado. A luminária no posto de trabalho minimiza os reflexos nos monitores e também proporciona um ambiente mais confortável pela variação da intensidade de luz. Porém, neste caso, a relação do usuário com a luminária é completamente outra. A luminária entra em cena e, junto com ela, o *design*. Não basta projetar um refletor eficiente. É necessário um produto que passa a estar praticamente colado ao usuário – é quase uma extensão deste.

Giorgio: Existe uma carência de soluções nesse sentido, no mercado. A Pixel, por exemplo, é um projeto nosso que nasceu pensando nesta conciliação entre sensibilidade, eficiência e durabilidade, voltado à iluminação pontual do plano de trabalho.

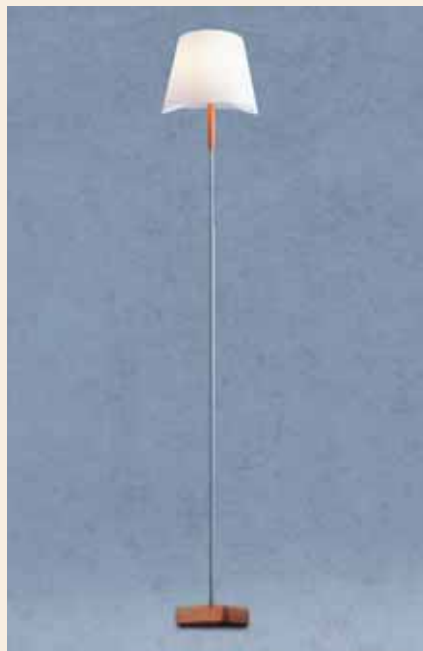
Fabio: A Pixel utiliza uma lâmpada de 9W e proporciona os 500 lux em uma área de 40 por 60cm. Obviamente, é preciso compensar com iluminação geral as demais áreas, porém, não com os mesmos 500 lux. O projeto se desdobra em duas versões, com articulações distintas, uma com braço que se desloca na vertical, e a outra, na horizontal. Utiliza reator eletromagnético com capacitor para correção do fator de potência. Além da durabilidade deste reator girar em torno de 30 anos, ele anda muito em voga na Europa por ser reciclável.

Lume Arquitetura: O Prêmio Abilux Empresarial de Design é brasileiro, regular e voltado especificamente para os trabalhos de luminárias. O Prêmio do Museu da Casa Brasileira também se dedica a este tipo de criação em uma categoria específica. Qual a opinião de vocês sobre os concursos e premiações nacionais na área de *design* de luminárias?

Fabio: Acho que o prêmio Museu da Casa Brasileira, nascido em 86, tem um papel importantíssimo na história do *design* nacional. Ele promoveu, e tem promovido, não só a atividade como um todo, como também novos projetistas. Por seu caráter pioneiro, alguns



Luminária Flap
Design Falanghe/Giorgi
Prêmio “Top-Ten”
Tok&Stok 1999



Luminária Uauá
Design Falanghe/Giorgi
Museu da Casa Brasileira 1995

equivocos ocorreram, do meu ponto de vista, na definição entre produtos e propostas de produtos. Já no prêmio Abilux, mais recente, focado em produtos de linha, senti a falta de propostas ou, pelo menos, da participação dos *designers* empreendedores. No entanto, dois prêmios são o bastante. Poderíamos tê-los acontecendo a cada dois anos, de forma intercalada.

Este ano, dos quatrocentos produtos premiados no If Design Awards 2004, vinte são brasileiros. Isso é uma notícia e tanto para o *design* brasileiro. Estreitar os prêmios nacionais com o IF ou outros prêmios internacionais poderá ser bastante positivo.

“Este ano, dos quatrocentos produtos premiados no If Design Awards 2004, vinte são brasileiros. Isso é uma notícia e tanto para o design brasileiro. Estreitar os prêmios nacionais com o IF ou outros prêmios internacionais poderá ser bastante positivo.”

Lume Arquitetura: Na Europa, é comum as empresas terem em suas linhas peças assinadas por renomados *designers*. Aqui no Brasil, as empresas às vezes têm um departamento – quem sabe com um *designer*. Como é esta relação? O que é positivo e negativo nela?

Giorgio: Uma ressalva: só uma fatia muito especial de fábricas italianas e européias pode se dar ao luxo de ter produtos assinados por gente renomada. Não chega a 10% do total.

Fabio: Tivemos uma experiência na Itália e acho que ela ilustra bem este tema. Desenhamos a luminária Floppy e depois acompanhamos o desenvolvimento dela dentro da Artemide. Ocorre que dentro da fábrica há um time. Há o diretor de arte – responsável pela cara, pela unidade do conjunto de luminárias que compõem uma coleção, um catálogo –, há o responsável pelo marketing, o engenheiro de produção, o especialista de plástico, o especialista em refletor, enfim... Sentamos ao lado de um grupo de pessoas focadas no objetivo de afinar o produto para produção em larga escala. Já depois, na Nemo – empresa de porte bem menor –, fui compor um time mais enxuto dentro da empresa, onde detalhei luminárias de alguns projetistas renomados, outros nem tanto, que eram contratados especificamente para o projeto. Assim, como uma construtora trabalha com um mix de arquitetos externos, acho importante ter um *designer* dentro da empresa fazendo a ponte com os projetistas de fora, renomados na medida do possível. ◀

Assine

Lume Arquitetura.
Para ficar entre os melhores, só tendo acesso à melhor informação.

A qualidade da informação de Lume Arquitetura é o que a destaca como a melhor revista brasileira para profissionais de iluminação. Textos agradáveis, de fácil compreensão, ilustrados com belas fotos e imagens, abordam assuntos técnicos e estéticos, elementos fundamentais para o bom resultado de um projeto luminotécnico. Assine Lume Arquitetura. Você vai ficar sempre muito bem informado.



Central Lume de Assinaturas
(11) 3801 3497

assinaturas@lumearquitectura.com.br
ou no nosso site: www.lumearquitectura.com.br

L U M E
ARQUITETURA

A melhor informação sobre iluminação